



www.serradopilar.com | 23 Tempo Comum, 09.09.2018 | ano 44º | nº 2079

Está a festejar-se o centenário do mais famoso realizador sueco de sempre e um dos nomes maiores do cinema, que deixou trabalhos como "O Sétimo Selo", "Morangos Silvestres", "A Máscara", "Lágrimas e Suspiros", "Cenas da Vida Conjugal", "Sonata de Outono", "Fanny e Alexandre" e "Saraband".



Ingmar Bergman:
realizador que pintava tormentos humanos
nasceu há 100 anos

Há 100 anos, a 14 de julho, nascia **INGMAR BERGMAN**, o famoso cineasta sueco de obras muitas vezes de difícil compreensão, mas muito celebradas por fãs e críticos, e que continua a fascinar e chocar o público.

Nascido em 1918 em Uppsala, no norte de Estocolmo, filho de um pastor luterano, dirigiu cerca de 60 filmes entre 1946 e 2003, incluindo "Lágrimas e Suspiros" (1972), "Cenas da Vida Conjugal" (1974), "Sonata de Outono" (1978) e "Fanny e Alexandre" (1982), a sua obra testamento.

Onze anos depois da sua morte, aos 89 anos, na sua casa de Fårö, uma ilha de pedras, pântanos e escarpas do mar Báltico, onde rodou a inquietante "A Máscara" e que se tornou local de peregrinação dos fãs, continua a ser para muitos o pintor dos tormentos, dos fantasmas, da loucura e das aventuras conjugais.

"A parte central da nossa educação baseava-se nos princípios do pecado, da confissão, do castigo, da redenção e do perdão", escreveu na sua autobiografia "Lanterna Mágica".



Saraband

De "Crisis" (1946) a "Saraband" (2003), o seu último filme, agora reposto em sala no nosso país, o mestre da imagem, que adorava as mulheres e as filmava de forma magistral, detestava a morte, mas também a filmava magistralmente, e esculpiu uma metafísica das tensões humanas na qual Deus era tão poderoso quanto ausente, deixando sozinhas no mundo as consciências dolorosas, entre gritos e sussurros.

"Ingmar mergulhava profundamente nas suas próprias experiências, no seu passado", explicou à AFP a enteada Anna Bergman, enteada e atriz.

Exotismo escandinavo

Nos anos 1950 começou a conquistar fama para lá das fronteiras do seu país, com o público a sucumbir ao "exotismo escandinavo", com a sua língua bárbara, as suas jovens mulheres liberais, as suas paisagens selvagens e uma representação "natural" da nudez que assombrou e causou escândalo.

"Muitas vezes é associado no estrangeiro aos seus filmes sombrios, a preto e branco, com um ritmo lento e primeiros planos, mas isso não é mais do que uma parte da verdade. Na Suécia, o favorito é 'Fanny e Alexandre'", uma obra da infância, que venceu vários Óscares e que passa na televisão sueca todos os natais, lembra Anna Bergman.

Na verdade, ele nunca foi profeta na sua própria terra.

"A carreira de Bergman coincide com o desenvolvimento do Estado-providência sueco. A Suécia conheceu um auge político, social e económico excepcional durante os anos 1940, 1950 e 1960. No entanto, temos este realizador, que nos recorda que também podemos sentir angústia, que podemos divorciar-nos ou ter relações difíceis com os nossos pais, que nos falta Deus. Naquela altura, não tínhamos vontade de ouvir isso", assinala Jan Holmberg, diretor da Fundação Bergman.

Uma chuva de Óscares

A preto e branco, ou a cores, Ingmar Bergman alternava as composições simbolistas ("O Sétimo Selo") e mais clássicas ("Morangos Silvestres", "Mónica e o Desejo", "Cenas da Vida Conjugal", "Sonata de Outono", "Lágrimas e Suspiros", "Fanny e Alexandre"), com experiências difíceis de serem classificadas, como "A Máscara", considerada hoje uma das obras-primas da Sétima Arte.

Também assinou dezenas de peças, adaptando Molière, Shakespeare, Ibsen e Strindberg. De 1963 a 1966 dirigiu o Teatro Dramático Real de Estocolmo, que este ano lhe dedica uma programação especial.

Procedente do mundo do cinema, uniu esta arte com a música, sobre a qual dizia não saber nada, em "A Flauta Mágica" em 1975, a alegre ópera de Mozart, cujo livreto e vinil continuam atualmente na casa de Fårö, protegida pelos pinheiros.

Considerado por Woody Allen como o melhor realizador da história do cinema, Bergman venceu três Óscares de Melhor Filme Estrangeiro - em 1960 por "A Fonte da Virgem", no ano seguinte por "Em Busca da Verdade" e em 1983 por "Fanny e Alexandre". E Cannes homenageou-o tardiamente, em 1997, ao outorgar a "Palma das palmas": trata-se do único cineasta até hoje a vencer esse prémio.

E também tinha os seus modelos.

"Quando o filme não é um documentário é um sonho. E, por isso, [Andrei] Tarkovsky é o maior de todos", declarou.

"[Federico] Fellini, [Akira] Kurosawa e [Luis] Buñuel navegam nas mesmas águas que ele", acrescentava ainda.

O realizador também deu os seus melhores papéis a atrizes como Harriett Andersson e a norueguesa Liv Ullman, a sua "Stradivarius". Para além dos filmes, teve uma vida cheia, com aventuras amorosas com várias das suas atrizes, cinco casamentos e nove filhos.

Bergman e os "teólogos" do cinema



“Crer é uma luta dura e inflexível: Bergman saiu dela, como outro patriarca judeu, Jacob, ferido no fêmur, mancando após a sua luta com Deus (Gênesis 32). O realizador, porém, não quis confiar nas promessas daquela voz transcendente e divina. Em minha opinião, ele continua a ser o companheiro de busca de

outros autores que – por caminhos e com resultados diferentes – experimentaram o mesmo combate, realizadores que eu, também, considero, a seu modo, como ‘teólogos’.”

A opinião é do cardeal italiano GIANFRANCO RAVASI, presidente do Pontifício Conselho para a Cultura, em artigo publicado por *Il Sole 24 Ore*, 05-08-2018.

Antonio Block, o Cavaleiro, está de joelhos, com os olhos fechados e a testa franzida, e reza, enquanto o sol da madrugada assoma sobre um mar enevoado. No alto, um pássaro marinho dissemina voos lentos e lança um grito inquietante.

De repente, eis uma figura vestida de preto, com o rosto marcado por uma palidez impressionante. “Quem és tu?”, pergunta o Cavaleiro. “Sou a Morte... há já muito tempo que caminho ao teu lado”, responde aquela pessoa misteriosa.

Pois bem, ainda é assim aos meus olhos o início de “O Sétimo Selo” que vi, ainda jovem estudante de liceu, há quase cinquenta anos. Uma cena e palavras que ficaram impressas na minha memória, e penso que de muitos espectadores que assistiram ao jogo de xadrez em que o Cavaleiro desiludido, sobrevivente da Cruzada, tenta desafiar a Morte. Uma cena que abriria, logo depois, um horizonte repleto de presenças: o escudeiro semelhante ao Falstaff de Verdi, o ator, o ferreiro, o charlatão, a bruxa-menina e o casal festivo de malabaristas com o seu filho, encarnação do amor que vence a Morte.

É, portanto, a história humana no espetro variado das suas iridescências gélidas e calorosas que é submetida a juízo, dentro daquele “silêncio de cerca de meia hora” que irrompe na abertura do sétimo selo do Apocalipse, o livro-eixo da inspiração daquele filme.

Essa foi a grande revelação para muitos, crentes e não crentes, e a primeira lição de um



realizador que, muitas vezes, assumiria as vestes de um teólogo agnóstico. O seu ensinamento por imagens continuará durante anos, escalando os caminhos até às alturas das perguntas últimas, em relação às quais a filosofia balbucia e a própria literatura se arrasta.

A 14 de julho, ocorreu o centenário do seu nascimento em Upsala, ele filho de um rigoroso pastor luterano que deixaria uma marca indelével, embora dialética, na vida e na arte do filho. A sua figura e a sua obra cinematográfica foram intensamente lembradas nestas páginas em 8 de julho passado por Roberto Escobar, sob o título sugestivo de “O pescador de pérolas e ilusões”.

Agora, gostaríamos de nos dedicar à perspetiva teológica de Bergman, que foi uma espécie de contraponto em muitas das suas cento e setenta e uma obras cinematográficas, televisivas e radiofónicas. O pensamento foge-nos, rapidamente, para o inesquecível “Morangos Silvestres”, um verdadeiro *itinerarium mentis* em Deus e no homem, no sentido da vida e da morte, do saber e do ignorar, do amor e da solidão.

Ininterruptamente, quase numa espécie de corpo a corpo, Bergman defronta-se com as verdades extremas que a superficialidade dos nossos dias tenta narcotizar. E fá-lo de filme para filme, às vezes deixando-se surpreender pelas teofanias de luz, outras vezes, e mais frequentemente, precipitando-se no desconforto de uma derrota, porque o Além e o Outro se revelam muito resistentes à sua abordagem. Ou a falsificação da fé e a hipocrisia o levam a um confronto duro e até sarcástico com a religião (como não pensar em “Fanny e Alexander”?).

Mas acaba por voltar sempre para as alturas ventosas do espírito, ou para as praias do mar lívido e infinito do bem e do mal, da fé e do ceticismo, do amor e do vício, da liberdade e do destino, da esperança e do desespero, da evidência e do absurdo, da luz e das trevas, de Deus e de Satanás.

A sua teologia é feita de perguntas ardentes, instigada pelas suas raízes protestantes pietistas. Talvez nunca tivesse descoberto uma resposta que se tornasse um selo para a sua interrogação insone; para o espectador, por sua vez – e não falo apenas como teólogo, mas dou voz a todos aqueles que se interrogam sobre as questões últimas – os lampejos de luz são emocionantes, assim como são fecundos os seus silêncios e as suas dúvidas. Mereceria uma referência particular a extraordinária trilogia bergmaniana, totalmente dedicada ao silêncio de Deus e à crise da fé, isto é, “Luz de Inverno”, “Através de um Espelho” e “O Silêncio”.

Gostaria, apenas, de me referir ao primeiro destes três filmes, justamente por conter como elemento central um eclesialístico, um dos não raros pastores luteranos que surgem nos roteiros do realizador de Upsala.

O filme é a história de uma crise interior que, progressivamente, ramifica a sua mão mortal na alma de um homem da Igreja que se sente cada vez mais o arauto público de um produto religioso, e já não a testemunha de uma fé. Uma sensação

que transparece das palavras dos seus sermões, a ponto de, lentamente, se alargar à volta dele o vazio da comunidade, capaz de intuir que ele já não é um anunciador, mas apenas um propagandista profissional. Mas, ao seu lado, permanece um dos “puros de coração” evangélicos, o sacristão, pessoa simples e luminosa.

É ele quem nos coloca perante a perspetiva do drama de Cristo no Getsémani e na cruz. Por um lado, eis, precisamente, a incompreensão e o isolamento dos amigos, os discípulos, que “tendo-o abandonado, fugiram”, como observa o evangelista Mateus.

Mas, por outro lado, eis o momento bem mais trágico, o do silêncio do Pai que parece ignorar o grito angustiado do Filho crucificado: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”.



Em síntese, esta é a mensagem do sacristão: “Pense no Getsémani, senhor pastor, pense na crucificação... Cristo foi, como o senhor, vítima duma grande dúvida, a mais cruel de todas as angústias, isto é, o silêncio de Deus”.

Podíamos continuar a seguir, por muito tempo, a lição teológica de Bergman em torno desse nóculo obscuro que faz parte do próprio crer, tanto que percorre, até, a história do pai na fé das três religiões monoteístas, Abraão, enquanto sobe a íngreme encosta do monte Moriá, acompanhado por aquela voz divina monstruosa que lhe impõe o sacrifício do filho (Génesis 22).

Crer é uma luta dura e inflexível: Bergman saiu dela, como outro patriarca judeu, Jacob, ferido no fémur, mancando após a sua luta com Deus (Génesis 32). O realizador, porém, não quis confiar nas promessas daquela voz transcendente e divina. Na minha opinião, ele continua a ser o companheiro de busca de outros autores que – por caminhos e com resultados diferentes – experimentaram o mesmo combate, realizadores que eu também considero, a seu modo, como ‘teólogos’

Penso no católico “jansenista” Bresson, que, embora no deserto da ausência de Deus e do triunfo de Satanás, faz surgir o sol da graça. Penso em Buñuel e na sua disputa teológica na “Via Láctea”, mas também na “estátua” espiritual do seu “Simão do Deserto” e no incansável apelo a Deus para que tente existir, sendo terrível uma história entregue somente nas mãos humanas.

Penso em Tarkovskij, o realizador das extraordinárias epifanias conquistadas, como o seu Andrej Rublëv, através do martírio dilacerante de uma crise de fé. Penso, de modo provocador, também em Woody Allen, que, sob o manto leve da ironia e da secularidade estadunidense, preserva tantas perguntas radicais do espírito que atormentavam Bergman.

Quer entender Ingmar Bergman? Veja estes cinco filmes-chave do realizador



Com cerca de 60 filmes, incluindo muitos que se tornam clássicos do género psicológico, a filmografia de **INGMAR BERGMAN** destaca-se pelo seu estilo e coerência temática.

Estes cinco são obras-chaves de uma carreira de seis décadas que marcou a história do cinema e influenciou gerações de cineastas.

"O Sétimo Selo" (1957)

A obra-prima de Bergman, que se passa durante as Cruzadas, contém uma das cenas icónicas da sua filmografia: um cavaleiro a jogar xadrez com a morte. Ela resume as principais preocupações do filme - e de Bergman: como a fé resiste frente ao mal e a miséria humana?

Vencedor de um prémio em Cannes e muito rapidamente considerado um clássico da arte e da experimentação, "O Sétimo Selo" também foi um sucesso entre os espectadores da época e é o tema de muitas paródias.

Cinquenta anos depois, o *The Guardian* considerou-o "uma referência irrepreensível em matéria de seriedade artística e moral".

A cena da morte também é emblemática e reproduzida das mais diferentes formas e em obras de diversos géneros.



"Persona" (A Máscara) (1966)

Duas mulheres, 84 minutos de primeiros planos quase constantes e uma metamorfose das duas faces: Bergman permite progredir a intensidade psicológica do seu misterioso drama, situado num chalé isolado na ilha de Farö.

Explorando a relação entre uma atriz que ficou muda e a sua enfermeira, o filme filmado de uma forma belíssima questiona os fundamentos instáveis da identidade.

"Cenas da Vida Conjugal" (1973)

Bergman foi um dos poucos realizadores da sua geração que conseguiu passar do cinema para a televisão, especialmente com esta série de seis episódios, de

baixo orçamento, explorando os obstáculos e atribuições conjugais de um casal que atravessa um divórcio prolongado, desencadeado por uma infidelidade.



Bergman inspirou-se no seu próprio relacionamento atormentado com Liv Ullmann, que interpreta a esposa nesta produção.

A série de Bergman é "a mais verdadeira e mais brilhante história de amor já filmada" e gira em torno de um dos seus temas clássicos: a comunicação entre indivíduos, escreveu em 1974 o famoso crítico de cinema americano Roger Ebert no Chicago Sun-Times.

"Fanny e Alexandre" (1982)

Este conto épico, em grande parte autobiográfico e principalmente filmado em Uppsala, narra a vida de um irmão e uma irmã, desde a infância até à velhice, passando pelo casamento.

Filmado pelo diretor de fotografia de longa data de Bergman, Sven Nykvist, este sumptuoso épico familiar foi comparado aos romances de Charles Dickens e ganhou quatro Óscares, incluindo o de Melhor Filme Estrangeiro. A versão no grande ecrã de três horas foi montada a partir de um telefilme de cinco horas.

Numa sondagem realizada em 2002 pela revista britânica Sight and Sound com realizadores e críticos mundiais, "Fanny e Alexander" ficou em terceiro lugar entre os melhores filmes dos 25 anos anteriores, atrás de "Apocalypse Now" e "O Touro Enraivecido".



"Saraband" (2003)

Após uma pausa de quase 20 anos, Bergman regressou pela última vez com esta continuação de "Cenas da Vida Conjugal", explorando as dolorosas lições de vida, os fracassos da parentalidade ao egoísmo que atravessam as relações humanas com dois dos seus atores de sempre, Liv Ullmann e Erland Josephson. Foi reposto em cinema no nosso país.